

## **O apagamento dos povos indígenas pelo jornalismo catarinense: Um olhar a partir da cobertura sobre o acionamento da Barragem Norte na TI Ibirama-Laklãnõ<sup>1</sup>**

Tatiane Karina Barbosa de Queiroz<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

### **Resumo**

Este trabalho se propõe a discutir sobre como o jornalismo catarinense opera na produção de apagamento dos povos indígenas. A investigação se dá a partir da cobertura do acionamento da Barragem Norte, localizada dentro da Terra Indígena Ibirama-Laklãnõ, por conta das fortes enchentes que atingiram a parte do estado conhecida como “Vale Europeu”, em outubro de 2023. A partir do corpus composto por conteúdos veiculados pelo Grupo NSC, filial da Rede Globo, foi possível identificar que as matérias abordam os fatos de forma reducionista, sem complexificar os fenômenos. Essa prática, colabora com a perpetuação de uma estrutura racista e opera para a manutenção de um projeto hegemônico de poder, que produz exclusão.

**Palavras-chave:** jornalismo; cidadania; indígenas; laklaño-xokleng; Santa Catarina.

### **Introdução**

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) apontam que Santa Catarina conta com cerca de 21 mil indígenas. Na região do estado denominada de Vale do Itajaí, mais conhecida como “Vale Europeu” – por abrigar cidades como Blumenau, nacionalmente conhecida como “Alemanha Brasileira” – também está localizada a Terra Indígena (TI) Ibirama-Laklãnõ. A produção discursiva que exalta as heranças coloniais germânicas de Blumenau, percebido em diferentes esferas, incluindo o jornalismo, costuma apagar o reconhecimento de sua diversidade cultural e étnica. Como se não houvesse lugar para a cidade “alemã” também se considerar indígena (IJUIM; MOSER, 2021).

Faz-se necessário relembrar que o processo de (re)colonização de Santa Catarina foi marcado por mais de um século de conflitos que geraram diversas violações de direitos a esses povos originários, como torturas e assassinatos, além de violações territoriais e ambientais. Entre as décadas de 1970 e 1980 foi construída, dentro da TI, a Barragem

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda em Jornalismo no Programa de Pós-graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJor-UFSC). E-mail: [jornalistatianequeiroz@gmail.com](mailto:jornalistatianequeiroz@gmail.com).

Norte – a maior do estado – com a justificativa de conter as enchentes nos rios afluentes da bacia do Rio Itajaí. A obra foi feita sem nenhuma forma de consulta aos Laklãnô, sem estudos de impactos ambientais e sem indenização pela perda de terras (ANTUNES; NUNES JUNIOR, 2023). As consequências dessa obra para a população indígena perduram até os dias atuais.

### **Apagamento produzido pelo jornalismo catarinense**

Com o objetivo de articular as reflexões teóricas apresentadas com a prática jornalística, fizemos uma pesquisa exploratória das matérias sobre o fechamento das comportas da Barragem Norte devido às grandes enchentes que assolaram o estado no mês de outubro de 2023, veiculadas nos jornais do Grupo NSC, afiliada da Rede Globo. Após a busca, identificamos 21 conteúdos veiculados nos telejornais da emissora e no Portal de Notícias, o G1 SC.

Após a análise dos conteúdos jornalísticos, foi possível inferir: A ênfase dada sobre a importância da estrutura construída para a contenção das enchentes sem tensionar os problemas sociais e ambientais causados para a população indígena que vive no local; a escolha por fontes oficiais, principalmente do Governo do Estado, além da ausência de fontes especialistas e de fontes indígenas. Além disso, na maioria dos conteúdos mapeados, destacou-se a narrativa de que todos os esforços para a contenção das enchentes estavam voltadas para ajudar, especificamente, a cidade de Blumenau. Entende-se que estas são pistas sobre como o jornalismo catarinense opera na produção do apagamento dos povos indígenas.

### **Considerações e caminhos possíveis**

É necessário destacar o compromisso do jornalismo como mediador para a construção de cidadania (MEDINA, 1982) e para a garantia de direitos humanos. Mas, no que diz respeito à sua práxis, é possível observar que esse mesmo jornalismo, que continua a performar valores oriundos da Modernidade – como objetividade e imparcialidade (MEDINA, 2008) – é continuamente instrumentalizado para manter um projeto hegemônico de poder. Moraes (2022) aponta que o fazer jornalístico, que se apresenta como acima das “paixões”, é responsável pela estigmatização e, consequentemente, pelo apagamento de grupos, já que esses valores, são assentados em uma racionalidade que se coloca como universal, ou seja, que é construída sobre ideais racializados, generificados e hierarquizados, uma racionalidade que constrói uma ideia

de um “Eu” – que se coloca como normal e hegemônico – em oposição a ideia de um “Outro”, consequentemente hierarquizado.

Por outro lado, em atos de resistência, foi possível observar o surgimento de outros caminhos: em oposição à cobertura jornalística local, jovens comunicadores da Articulação dos Povos Indígenas do Sul (Arpinsul) passaram a fazer publicações de matérias e vídeos nas redes sociais alertando sobre a situação de emergência na TI. Um caminho para um jornalismo ativista, posicionado, que tenta resgatar a construção de cidadania.

## Referências

ANTUNES, Ladik Douglas; NUNES JUNIOR, Orivaldo. O “Caso Xokleng”: eventos históricos e conflitos ambientais territoriais na Terra Indígena Ibirama-Laklãnõ. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 15, n. 40, p. e0106, 2023. DOI: 10.5965/2175180315402023e0106. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180315402023e0106>. Acesso em: 15 mai. 2024.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico (2022)**. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br). Acesso em 22 jan. 2024.

IJUIM, Jorge Kanehide; MOSER, Magali. Quando o jornalismo legitima uma identidade como hegemônica: Silenciamentos, Oktoberfest e imprensa em Blumenau. **Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura**, [S.l.], p. 64-84, jul. 2021. ISSN 2238-0701. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/72454/44147>>. Acesso em: 02 jun. 2024. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/2238-0701.2021n22.04>.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar o jornalismo que desumaniza**. 1. ed. Porto Alegre: Arquipelago, 2022.